

17 MAR 1989

Moratória à vista

Depois do entusiasmo que causou nos altos escalões governamentais e entre as mais expressivas lideranças políticas, o suposto plano do governo Bush para encaminhar uma solução eficaz ao problema da dívida externa começa a ser cercado de grande ceticismo por parte de especialistas e grandes publicações internacionais. O anúncio do programa pelo secretário do Tesouro foi precipitado pela administração Bush depois da convulsão social que se abateu sobre a Venezuela, aumentando o receio de que conflitos sangrentos da mesma magnitude se repetissem no México e em toda América Latina.

Anunciado em suas linhas gerais, sem entrar em detalhes consistentes a respeito da maneira de solucionar um endividamento que os próprios credores consideram impagável, o plano norte-americano excluiu deliberadamente Brasil e Argentina, os dois maiores devedores da América do Sul. Na visão do governo dos EUA a atual situação brasileira não oferece as condições mínimas exigidas para que o nosso País seja beneficiado pelo projeto da Casa Branca.

No mundo financeiro a expectativa é de que o Brasil não terá outra alternativa se não recorrer à nova declaração de moratória, por absoluta impossibilidade de continuar pagando o serviço leonino que nos impõem os credores. O presidente americano reconheceu a impagabilidade da dívida quando a anunciou como uma das principais questões a serem enfrentadas por seu

governo. As remessas de divisas feitas anualmente pelos países devedores da América Latina provocaram estagnação econômica e vertiginoso processo de empobrecimento de suas populações, como reconhecem publicações autorizadas e organismos internacionais.

Continuamos a fazer esforço gigantesco para gerar megasuperavits que são vorazmente consumidos pelos ávidos países mais ricos do mundo. O esforço brasileiro é tão inútil quanto o de Sísifo, o personagem da mitologia clássica grega, obrigado ao esforço inútil e sem esperança de recolocar a pedra no alto da montanha tantas vezes quanto ela rolasse morro abaixo.

O Brasil remeteu, no ano passado, quase 17 bilhões de dólares para o exterior, através de pagamentos diversos, incluindo o serviço da dívida à banca privada, Clube de Paris e agências multilaterais de financiamento. A expectativa é de que, este ano, não ficaremos abaixo dos 15 bilhões de dólares. A sangria a que somos submetidos começou após a declaração de Independência, quando o Marquês de Barbacena tomou emprestado 2 milhões de libras esterlinas à Casa Rothschild & Sons, sendo posteriormente acusado de receber gordas comissões, conforme levantamento que acaba de realizar o deputado Arthur Lima Cavalcante, do PDT de Pernambuco. Tudo indica que o Governo Sarney será obrigado a declarar nova moratória, por absoluta falta de alternativa.